

SINAIS DOS TEMPOS

T

/ SERÁ A BÍBLIA CONFIÁVEL?
/ O QUE SIGNIFICA DIZER QUE A BÍBLIA É "INSPIRADA"?
/ PERSEGUIÇÃO À BÍBLIA



PUBLICADORA SERVIR
2º TRIMESTRE 2019
N. 149 / ANO 37 / €2,00

0 873901 319041



Palavra de ESPERANÇA



PUBLICADORA SERVIR
2º TRIMESTRE 2019
N. 149 / ANO 37

REVISTA INTERNACIONAL
EDIÇÃO TRIMESTRAL
EM LÍNGUA PORTUGUESA

DIRETOR Ezequiel Quintino
DIRETORA DE REDAÇÃO Lara Figueiredo
COORDENADOR EDITORIAL Paulo Lima
E-MAIL sinais@servir.pt

DESIGN GRÁFICO Rita Mendes Sadio
ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © Adobe Stock

PROPRIETÁRIA E EDITORA
Publicadora SerVir, S. A.
DIRETOR-GERAL Artur Guimarães
SEDE E ADMINISTRAÇÃO
Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo
21 962 62 00

EDIÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA
Editorial Safeliz

EDIÇÃO EM LÍNGUA FRANCESA
Éditions Vie et Santé

EDIÇÃO EM LÍNGUA ITALIANA
Edizione ADV

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Jorge Fernandes, Lda. – Artes Gráficas

TIRAGEM 30 000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL Nº 63193/93

PREÇO NÚMERO AVULSO 2,00€

ASSINATURA ANUAL 8,00€

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO ICS
DR 8/99 ISSN 0873-9013

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

≈ ÍNDICE ≈

03

EDITORIAL

Cosmovisão
de esperança

REFLEXÃO

04

A busca pela verdade
Existe a verdade?



TEMÁTICAS

07

Será a Bíblia confiável?
Confie na Bíblia.

12

Palavra de Esperança
*A Bíblia, a Palavra
de Deus, é o Livro
da Esperança!*

18

O que significa dizer
que a Bíblia é inspirada?
A inspiração da Bíblia.

22

Bíblia e educação
Uma pedagogia bíblica.

28

Perseguição à Bíblia
*Algumas tentativas
para destruir a Bíblia.*



ESPECIAL

PALAVRA DE ESPERANÇA

33

Factos sobre a Bíblia
no mundo

34

Factos sobre a Bíblia
em Portugal

Cosmovisão de esperança



Pr. Ezequiel Quintino

Diretor

É inevitável! Ao abordar este tema da esperança, não consigo fugir aos meus pensamentos e sentimentos. Somos agredidos, várias vezes cada dia, com notícias que são factos chocantes, traumatizantes. Um horror! Recuso-me a dar exemplos concretos. Mas tem tudo a ver com violência individual e pessoal, familiar e na sociedade, atentados e acidentes... Isto gera desconfiança, insegurança, medo, pânico e desesperança. E a questão levanta-se: Para onde devemos voltar-nos para nos abrigarmos e sentirmos seguros?

É neste ponto que lhe proponho um breve roteiro nas páginas que seguem. Faço-o por amizade e de coração, porque lhe quero bem. Desejo partilhar consigo o que conheço de melhor. Descobri que a esperança e a mensagem encontradas na *Bíblia* transcendem os tempos e as culturas. Elas satisfazem as mais profundas necessidades do coração humano. Nessa *Palavra de Deus* encontramos a verda-

de que nos conduz à Verdade. Porque a *Bíblia* é digna de total confiança, a sua leitura, o seu estudo e a sua meditação produzem bem-estar físico, mental e emocional. É o esteio e o fundamento da autêntica educação global do ser humano na construção de um carácter e de uma cosmovisão de esperança.

No meio de milhões de livros que nos confundem e sufocam, nesta sociedade de publicação frenética e de consumo, a *Bíblia* é uma autêntica janela de esperança, através da qual contemplamos a Eternidade. A mensagem da *Bíblia* revela-nos o Seu Autor – *O Deus da Esperança*. Por isso *a Bíblia é o Livro da Esperança*. E porque já a temos traduzida em língua portuguesa há cerca de 350 anos, sugiro, apelo, que faça da *Bíblia* o “seu livro especial” de leitura todos os dias. Deixe-se guiar por esta *Palavra de Esperança* e chegará, finalmente, ao destino que ultrapassa todos os seus sonhos e projetos. Então, boa leitura! ▢

REFLEXÃO

A BUSCA PELA VERDADE

≈

Humberto M. Rasi
e Nancy W. Vyhmeister¹

*Doutor em Literatura
e Doutora em Educação*

FOTOGRAFIA: UNSPLASH POR DIEGO PH

1 Humberto M. Rasi, Doutor em Literatura Hispânica e História Ibero-Americana, professor e líder em Educação. Nancy W. Vyhmeister, Doutora em Educação, professora e escritora. Ambos, Humberto e Nancy, são os organizadores do livro coletivo *A Lógica da Fé*, CPB, Tatuí, SP, Brasil, 2015. Este texto foi condensado e adaptado da *Introdução*, pp. 5-10, escrita pelos dois.

Ao longo dos tempos, o ser humano tem vivido em constante busca de algo que lhe seja superior, que lhe possa dar significado e propósito para a vida. Assim, homens e mulheres têm escolhido mitos, religiões, filosofias ou ideologias políticas como base para a sua existência. Aqueles com apetência para a pesquisa têm examinado as ideias e as opções disponíveis, na tentativa de encontrar um núcleo de crenças que lhes pareça digno de confiança e que possam aceitar como verdade.

Na prática, os relativistas negam a existência da verdade; os agnósticos esforçam-se por permanecer descomprometidos; e os pós-modernos admitem que, embora a verdade exista, ela está além do alcance humano. No entanto, filosofias que negam a possibilidade de haver verdade acabam por enfraquecer a sua validade, e a realidade força-nos a fazermos escolhas éticas na vida real de cada dia.

Ao iniciarmos a busca por um conjunto de crenças para orientar a nossa vida e basear as nossas escolhas morais, devemos, primeiro, decidir entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural para a existência do Universo e da vida. Uma explicação sobrenatural leva-nos a um mito ou a uma religião. Uma explicação naturalista (segundo a qual matéria e vida surgiram espontaneamente do nada e evoluíram progressivamente por acaso e segundo as leis naturais) também é mítica ou quase religiosa, porque requer a crença em milagres do acaso.

A BUSCA PELA VERDADE

Todas as religiões afirmam possuir e comunicar a verdade, mas, por essa mesma razão, nem todas podem ser igualmente verdadeiras. Todas podem ser falsas ou apenas uma pode ser verdadeira, devido ao facto de as suas crenças estarem em contradição umas com as outras. Se se provar

Ao longo dos tempos, o ser humano tem vivido em constante busca de algo que lhe seja superior, que lhe possa dar significado e propósito para a vida.

que todas são falsas, chegamos a uma posição relativista ou agnóstica. Todavia, se uma delas pode ser verdadeira, devemos então avaliar as suas afirmações acerca do que é a verdade. Por exemplo, coloquemos questões de análise: As afirmações dessa religião oferecem respostas satisfatórias para as nossas interrogações e para os nossos anseios mais profundos? As suas crenças são coerentes e aplicáveis a situações da vida real? Ela fornece evidências que apelam à razão? Os seus fiéis seguidores têm uma vida digna? As respostas a estas perguntas têm uma importância vital, porque a maneira como vivemos ilustra geralmente aquilo que afirmamos ser verdade e, também, porque a validade suprema dessas verdades determinará o que acontece conosco no presente e no fim da vida.

Ora, *o Cristianismo é uma religião que faz afirmações específicas sobre a verdade.* O seu fundador, Jesus Cristo, *apelava para as Escrituras (a Bíblia) e para as Suas próprias ações como evidências das verdades que Ele vivia e ensinava* (cf. João 5:39 e 40). Jesus previu que os Seus seguidores travariam as suas maiores batalhas no domínio da mente humana. É aí que os argumentos são avaliados para se chegar a conclusões – é aí que atuam a razão e a vontade. Jesus também conhecia o enorme potencial de transformação que as ideias têm: *“E conhecerão a verdade, e a verdade vos libertará”*, disse Ele

(João 8:32). E acrescentou: “*Eu Sou o caminho, e a verdade, e a vida*” (João 14:6). Isto leva-nos, inevitavelmente, a examinarmos a fiabilidade da Bíblia como um documento digno de confiança e a avaliarmos a consistência e o impacto duradouro dos ensinamentos de Jesus sobre os Seus seguidores e sobre o mundo em geral.

Aliás, o apóstolo Pedro desafiou os Cristãos com estas palavras (I Pedro 3:14-16, *BpT*): “*Não temam as ameaças dos homens nem se deixem perturbar, e, nos vossos corações, honrem a Cristo como Senhor. Estejam sempre preparados para responder a todos os que vos interrogarem acerca da esperança que têm. Mas façam-no com gentileza e respeito, tendo a consciência tranquila.*” Aqui, o apóstolo salienta a responsabilidade dos Cristãos interagirem com familiares, amigos, vizinhos e colegas que talvez não partilhem das mesmas convicções.

A METANARRATIVA BÍBLICA

A Bíblia transmite o amplo contorno de uma metanarrativa² que pode ser resumida em sete momentos-chave na história universal:

1. Em algum momento do passado remoto, Deus criou o Universo perfeito, enchendo-o com seres inteligentes e livres.
2. Um ser honrado com responsabilidades revoltou-se contra os princípios de Deus e, depois de uma luta, foi expulso para a Terra com os seus seguidores.
3. Durante uma semana, num passado recente, Deus tornou este Planeta habitável, criando a atmosfera, as plantas e a vida animal, incluindo o primeiro par de seres humanos, que foi dotado de livre-arbítrio.
4. Tentado pelo ser rebelde, o primeiro casal desobedeceu a Deus e toda a vida neste Planeta sofreu as consequências, entre elas um devastador dilúvio global.
5. Jesus Cristo, o próprio Criador, veio à Terra para resgatar os seres humanos de-

bilitados e sujeitos à morte, oferecendo-lhes salvação gratuita e poder para viverem vidas transformadas.

6. No fim dos tempos, Cristo regressará à Terra em glória, como prometeu, e assegurará vida eterna a todos os seres humanos que aceitaram a Sua oferta de perdão e de salvação.

7. Depois do milénio, Cristo voltará ao Planeta para executar o julgamento final e restaurar toda a Criação à sua perfeição original, uma condição que durará para sempre.

A Bíblia é um documento confiável. A Palavra de Deus é o paradigma da Esperança. Fé e razão não são incompatíveis. O Cristianismo bíblico pode enfrentar, sem receio ou prejuízo, uma análise minuciosa. Quando pesquisamos e estudamos a Bíblia, a nossa compreensão da verdade total é limitada e progressiva. Mas Deus está sempre disponível para nos guiar através do Seu Espírito “*em toda a verdade*” (João 16:13). Por isso, na busca da verdade, talvez possamos dizer esta antiga oração, de autor desconhecido:

“Da cobardia que se encolhe diante de nova verdade,

Da indolência que se contenta com meias verdades,

Da arrogância que pensa conhecer toda a verdade –

Oh, Deus da Verdade, livra-nos!” ▢

² *Metanarrativa* é um termo literário e filosófico que significa, simplesmente, a narrativa contida dentro ou além da própria narrativa. Assume o sentido de uma grande narrativa, de nível superior, capaz de explicar todo o conhecimento existente ou capaz de representar uma verdade absoluta sobre o Universo. Exemplos de metanarrativas: o Iluminismo, o Marxismo, o Corão e a Bíblia.

TEMÁTICA

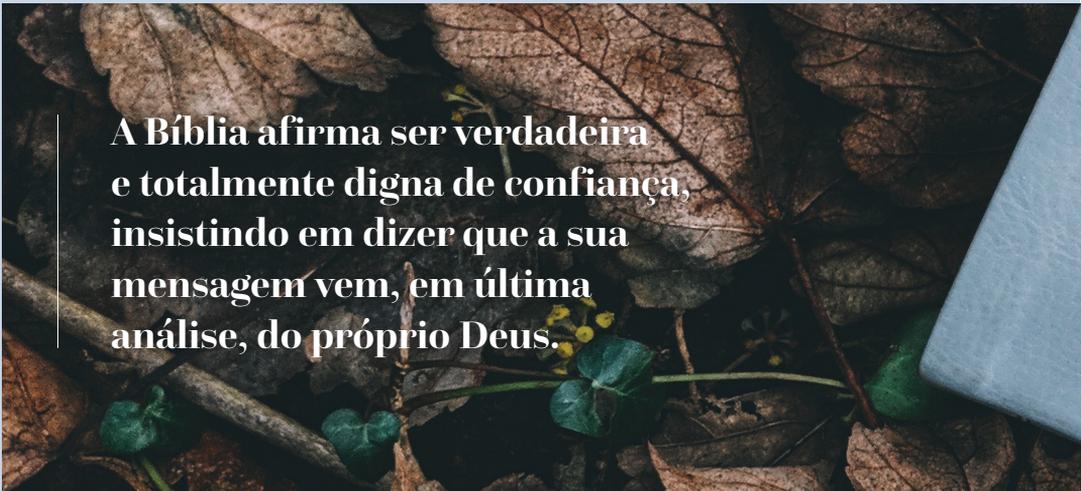
SERÁ A BÍBLIA CONFIÁVEL?



Richard M. Davidson¹
Professor e Escritor

1 Richard M. Davidson, Doutorado em Antigo Testamento, é professor, escritor e conferencista. Este texto foi condensado e adaptado do seu artigo "Quão confiável é a Bíblia?", capítulo 1, do livro coletivo *A Lógica da Fé*, CPB, Tatuí, SP, Brasil, 2015, pp. 11-22.

FOTOGRAFIA: UNSPLASH POR PRISCILLA DU PREZ



A Bíblia afirma ser verdadeira e totalmente digna de confiança, insistindo em dizer que a sua mensagem vem, em última análise, do próprio Deus.

Durante toda a história da Era Cristã e, em particular, desde o tempo do Iluminismo do século XVIII, muitos céticos têm questionado a confiabilidade da Bíblia. O recente surgimento do pós-modernismo trouxe consigo uma nova onda de questionamentos a respeito da confiabilidade da Bíblia. Neste pequeno texto, examinamos várias áreas de evidência que apoiam a conclusão de que a Bíblia é, de facto, confiável.

O AUTOTESTEMUNHO DA BÍBLIA

A Bíblia afirma ser verdadeira e totalmente digna de confiança, insistindo em dizer que a sua mensagem vem, em última análise, do próprio Deus. No Antigo Testamento (AT) há cerca de 1600 repetições de quatro palavras hebraicas (em quatro frases diferentes e com pequenas variações) que indicam explicitamente que Deus falou: “*declara o Senhor*”, “*assim diz o Senhor*”, “*e Deus disse*”, “*a palavra do Senhor*”. Vários escritores do Antigo Testamento afirmam que o que está nas Escrituras é verdade plenamente confiável (II Samuel 7:28; Neemias 9:13; Salmos 19:7-9; 119:142, 160; Daniel 10:21). As principais palavras em hebraico para “verdade”, *emunah* e *emet*, implicam uma noção específica de “confiabilidade”.

O próprio Jesus afirmou, sem hesitar, a confiabilidade das Escrituras: “*a tua Palavra é a verdade*” (João 17:17); “*a Escritura não pode ser anulada*” (João 10:35). Os escritores do Novo Testamento (NT) insistem em que as Escrituras são inspiradas por Deus. Por isso, o texto sagrado é plenamente confiável (II Timóteo 3:16; II Pedro 1:21).

CONFIABILIDADE TEXTUAL

Primeiro, examinemos a confiabilidade dos manuscritos do texto bíblico nas suas línguas originais, o hebraico e o aramaico (AT), e o grego (NT). A história de como o texto bíblico foi transmitido revela como ele tem sido preservado cuidadosamente ao longo dos séculos até aos dias de hoje. Quanto ao AT, durante as décadas anteriores à II Guerra Mundial, críticos eruditos subestimaram o texto recebido (massorético) hebraico e aramaico. Nessa época, o manuscrito mais antigo datava de aproximadamente 900 d.C., e as edições críticas do hebraico bíblico propunham milhares de supostas emendas ao texto. Porém, desde 1947, com a descoberta dos *Manuscritos do Mar Morto*, contendo a totalidade ou fragmentos de cada livro do AT, exceto o de Ester, os especialistas



têm-se deslumbrado, ao descobrir como os Massoretas passaram, praticamente sem nenhuma modificação, a tradição textual de mais de mil anos.

No que diz respeito ao NT, a quantidade de evidências escritas para o texto grego é muito mais disponível do que para qualquer outro documento do mundo antigo. Existem mais de cinco mil manuscritos gregos de alguma parte ou de todo o texto neotestamentário; cerca de dois mil lecionários gregos (compilações do NT organizadas de acordo com a ordem do uso litúrgico); cerca de oito mil manuscritos em latim; mais de mil manuscritos de outras versões antigas (síriaco e cóptico); e milhares de citações de todo o NT de diversos Pais da Igreja Primitiva. Conclusão: a quantidade real de variações relevantes entre esses manuscritos é mínima e não afeta nenhuma questão material do facto histórico ou da fé e da prática cristãs.

CONFIABILIDADE TEXTUAL

Diferenciando-se dos textos sagrados da maioria das outras religiões, a Bíblia está repleta de referências históricas, sendo, portanto, passível de verificações cruzadas com outras fontes. Numerosos exemplos têm sido apresentados para se demons-

trar as alegadas imprecisões históricas da Bíblia. Contudo, essas alegações têm sido repetidamente desmascaradas, à medida que antigos registos históricos vão surgindo. Desde o século XIX, em particular, as contribuições da Arqueologia para esclarecer dúvidas e ajudar na refutação de críticas, tendo em vista a compreensão da história bíblica, têm sido muito úteis. Dezenas de exemplos poderiam ser mencionados, mas destaca-se apenas um, que é paradigmático.

O estilo dos povos e dos Impérios mundiais do Próximo Oriente e do mundo greco-romano tem muito de propaganda e de lisonja, que leva a não registar as derrotas nem as falhas pessoais dos reis. Ao contrário, os registos bíblicos não encobrem as derrotas de Israel em algumas das suas batalhas, nem sequer as falhas morais de figuras históricas (por exemplo: Génesis 27; II Samuel 11 e 12). Conclusão: a história bíblica é, na realidade, mais fiel aos factos da vida do que os escritos históricos das nações circunvizinhas.

CONFIABILIDADE PROFÉTICA

O que mais distingue a Bíblia dos textos sagrados de outras religiões e de toda a literatura antiga é a sua afirmação de antever

com precisão o futuro distante. De todos os 31 124 versículos da Bíblia, 8352 deles (cerca de 27% do total) contêm algum tipo de predição. Deus, através do profeta Isaías, desafiou os chamados deuses do antigo Próximo Oriente a provarem a sua existência por meio da sua habilidade de prever o futuro (Isaías 41:22-24): *“Revelem-nos o que vai acontecer no futuro e saberemos então que sois verdadeiramente deuses.”* Também o próprio Jesus afirmou (João 14:29): *“Disse-vos agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós creiais.”*

Lembramos mais alguns exemplos bíblicos de predições incrivelmente precisas. Já no tempo de Jacob, Deus predisse que o Messias viria da tribo de Judá (Gênesis 49:10). Depois, foram preditos o nascimento virginal de Cristo (Isaías 7:14), o lugar do Seu nascimento (Mi-

queias 5:2) e o Seu crescimento na Galileia (Isaías 9:1 e 2). O livro de Daniel profetiza o tempo exato da vinda de Jesus, o “Ungido”, incluindo o Seu batismo e a Sua morte (9:24-27). As profecias de Daniel (VI século a.C.) também previram o curso exato da história universal com os Impérios mundiais sucedendo-se (capítulos 2, 7 e 8): Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia, Roma e os reinos divididos. O profeta Ezequiel predisse a queda da cidade de Tiro, dando pormenores impossíveis de serem humanamente antecipados (capítulo 26). Calcula-se que poderia haver uma única hipótese em 75 milhões de que todos esses factos, quanto à destruição de Tiro, se cumprissem como foram preditos. Estas e muitas outras predições cumpridas constituem uma poderosa evidência da confiabilidade da Bíblia.



A Bíblia contém mais de cinco mil promessas e convida o leitor a reclamar essas promessas e a provar, por si mesmo, a confiabilidade espiritual da Sagrada Escritura (II Pedro 1:1-7).

CONFIABILIDADE CIENTÍFICA

Embora a Bíblia não afirme ser um livro sobre Ciência, faz declarações sobre Cosmologia e fenómenos da Natureza que revelam uma notável confiabilidade e um grande rigor, apesar de certas declarações contrárias de alguns críticos. Por exemplo, desde o capítulo 1 de Génesis, a Bíblia hebraica descreve a Terra não como um disco plano mas com uma forma esférica suspensa no Espaço – “expansão” ou “céu” (ver Isaías 40:22; Job 26:7; 28:24-26). O relato da Criação (em Génesis 1 e 2, os quais são complementares) tem sido desconsiderado por peritos bíblicos e por cientistas, preferindo-se a Teoria da Evolução naturalista. Entretanto, têm surgido muitas evidências, em anos recentes, a favor de um paradigma alternativo, o *Projeto Inteligente*. Um crescente número de cientistas tem optado por crer na criação da vida na Terra em seis dias literais, em vez de acreditar na evolução darwiniana ou teísta.

Outros textos bíblicos descrevem com precisão o ciclo hidrológico do Planeta (Job 36:27 e 28); as correntes globais dos ventos (Eclesiastes 1:6 e 7); as correntes oceânicas (Salmo 8:8); e a impossibilidade de contar as estrelas e de medir a areia do mar (Jeremias 33:22). Muitos outros exemplos, ilustrando a confiabilidade científica da Bíblia, poderiam ser citados nas áreas da Hidrologia, Geologia, Astronomia, Meteorologia, Biologia e Física.

Em conclusão, a Palavra de Deus é surpreendentemente atual acerca dos princípios de vida saudável e da higiene de vida. Dezenas de textos bíblicos já afirmam, há 3500 anos, muitas das conclusões da Ciência de hoje.

CONFIABILIDADE TEOLÓGICA E ESPIRITUAL

A harmonia de todo o texto bíblico é evidente. A notável unidade e consistência dos temas bíblicos centrais, apesar de compostos durante um período de 1600 anos e por cerca de 40 escritores diferentes (II Pedro 1:21); a arte literária da poesia e da narrativa bíblica, corroborada pela sua elegância estética; a profundidade do pensamento teológico; e os mistérios que vão sendo continuamente revelados, são evidências da inspiração de um Autor Divino, grandioso e majestoso (Salmos 92:5; 119:17-19; Romanos 11:33-35). Também convém realçar o poder moral das Escrituras de transformar a vida das pessoas (Hebreus 4:7, 12; João 17:17). A Bíblia contém mais de cinco mil promessas e convida o leitor a reclamar essas promessas e a provar, por si mesmo, a confiabilidade espiritual da Sagrada Escritura (II Pedro 1:1-7).

A prova suprema da confiabilidade da Bíblia é a experiência espiritual e o testemunho interior do Espírito Santo no próprio ser humano (Salmo 34:1, 4, 7 e 8, 15-19). A Bíblia é, de facto, a plenamente confiável Palavra de Deus – uma Palavra de Esperança! □

TEMÁTICA

PALAVRA DE ESPERANÇA

≈
Ezequiel Quintino
Teólogo

FOTOGRAFIA: UNSPLASH / POR MARIO ALVAREZ

É um paradoxo! Mas seria bom, mesmo ótimo, viver sem esperança! Se assim fosse, viver-se-ia já no paraíso ideal, sem qualquer sombra negativa (injustiça, conflito, frustração, tristeza, dor, doença, sofrimento ou morte) que toldasse a existência. Ora, a esperança pressupõe a existência de circunstâncias menos boas, negativas, adversas, nefastas, intoleráveis ou insuportáveis, das quais nos queremos libertar. Portanto, ter esperança é viver em espera, na expectativa da realização do que se deseja e/ou da promessa do tal ideal de vida.

Na atualidade, insegurança, desilusão, descrença, desânimo, desesperança e até desespero vão-se instalando no mundo. Por isso mesmo, hoje, mais do que nunca, só é possível viver mantendo a esperança. Em quê, em quem? Esta é a questão!

VALE DE ACOR

Ao avançarmos na leitura da Bíblia, deparamo-nos com este texto: *“e o desgraçado vale de Acor tornar-se-á [...] uma porta de esperança”* (BpT). É Deus Quem o diz pelo profeta Oseias (2:15). Do vale de Acor (“Vale da Desgraça”), *Deus fará Porta de Esperança (Petah Tiqvah)*. Recuemos, então, ao episódio histórico do Vale de Acor, para se compreender melhor o significado da esperança.

Depois da libertação da escravatura no Egito, e após 40 anos de peregrinação pelo deserto, o povo de Israel passa o rio Jordão e entra na Terra Prometida. Tomam posse da primeira cidade, Jericó, por um milagre de Deus. Deveriam compreender que a posse da Terra Prometida era um dom, uma dádiva de Deus, e não uma “conquista” que o povo podia atribuir aos seus méritos, às suas estratégias ou ao seu poder militar. Ao povo de Israel competia obedecer ao plano e à ordem do Senhor (Deut. 7:6-8) para conti-

O Vale de Acor situa-se mesmo na orla de Canaã, no fim da viagem de peregrinação.

No momento em que se antevia a libertação, quando o povo, enfim, iria respirar, livre na sua terra, às portas da esperança (*Petah Tiqvah*), eis que surge Acor, o Vale da Desgraça.

nuar a receber as bênçãos e a proteção de Deus. Esta era a Aliança.

Segue-se a conquista de Ai, a segunda cidade. Porém, inesperadamente, acontece a derrota. Os Israelitas, entristecidos, desanimam. O líder Josué não percebe. Em desespero, rasga as vestes e prostra-se com o rosto em terra, suplicando: “Senhor Deus, porquê?” (Josué 7:6-9.) Deus responde e Josué compreende (vv. 10-15). Ao primeiro “porquê” que interrogava o Céu, responde um segundo “porquê”, desta vez virado para a Terra, para Acã. O “porquê” mudou de destinatário, de Deus para o Homem. Do nível vertical para o horizontal. O episódio é rico de sentido. Ao “porquê” acerca da tragédia humana não é Deus que tem de responder, mas o Homem. Somente o Homem, em baixo, no vale, é culpado, ele é o único responsável. E *“Acã respondeu: É verdade, pequei contra o Senhor, Deus de Israel. O que aconteceu foi isto: vi no meio dos despojos uma linda capa da Mesopotâmia, cerca de dois quilos de prata e uma barra de ouro com cerca de meio quilo. Cobicei essas coisas e fiquei*

com elas. Depois escondi-as na terra dentro da minha tenda” (vv. 16-21, BpT).

Chegados a este ponto, a paz deve ser recuperada e a normalidade tem de ser retomada. A transgressão de um teve consequências para todos. O mal teve de ser dolorosamente erradicado (vv. 22-26). A ironia é que o Vale de Acor situa-se mesmo na orla de Canaã, no fim da viagem de peregrinação. No momento em que se antevia a libertação, quando o povo, enfim, iria respirar, livre na sua terra, às portas da esperança (*Petah Tiqvah*), eis que surge Acor, o Vale da Desgraça. E só o Homem é responsável por esta desgraça – derrota militar com mortos e punição exemplar dos transgressores.

O NOSSO VALE DE ACOR

Admitamos a aplicação. O nosso mundo é comparável ao Vale de Acor. Aqui, como lá, o incompreensível, o inexplicável e o absurdo estão presentes. Aqui, como lá, o desastre, a perturbação, a desgraça e o horror estão por toda a parte. Para muitos milhões de pessoas, o horizonte parece fechado, onde apenas o desespero é permitido. Não são meras noções pessimistas, porque os factos estão aí, com o seu peso significado. A Humanidade enfrenta, hoje, realidades, na sua maioria, insólúveis, quais *sinais dos tempos*: sobrepopulação; pobreza; miséria e fome; desemprego; violência e crime; radicalismos; atentados e massacres; refugiados e migrantes; guerrilhas; guerras e rumores de guerras, com o espectro do nuclear sempre presente (o Homem tem os meios de fazer explodir o Planeta); crises económicas cíclicas sempre mais graves; corrupção mais generalizada; injustiças gritantes; agitação social e greves destabilizadoras; impasses políticos de repercussões globais; poluição do ar, da água e do solo quase universal; alterações climáticas e desastres ambientais



– secas cada vez mais prolongadas, chuvas e inundações diluvianas, incêndios e fogos incontroláveis, vagas de frio siberiano e de calores equatoriais tórridos, degelo das calotas polares, terremotos, *tsunamis* e vulcões... E aqui, como lá, no Vale de Acor, o Homem vira-se para Cima e pergunta: “Porque Deus não faz alguma coisa? Porque permite isto?”

Chegados a este ponto, o que fazer? Acreditar que o Homem vai ser capaz de rebuscar no seu génio o milagre da sua sobrevivência? Logro, engano! A própria História testemunha para nos tirar toda a ilusão. Acreditar no Homem? Essa confiança conduziu ao Holocausto e aos horrores de Auschwitz. Depois, com todos os apelos patéticos à prudência, ao amor e à paz, repetidos durante sete décadas, esperava-se que o Homem tivesse aprendido lições do passado. Se assim fosse, as guerras, a violência,



FOTOGRAFIA: UNSPLASH, POR GABRIEL JIMENEZ

os atentados e os massacres teriam há muito já desaparecido da Terra. Mas é o ódio e a vingança que prevalecem hoje. Por outro lado, estudos científicos e conferências têm alertado para a necessidade de uma mudança drástica e rápida, a fim de diminuir as emissões poluentes. Resultado? Em vão. Quase nada, ou pouco, tem sido feito para travar a subida da temperatura no Planeta. Ignorando a lógica e desprezando o bom senso, o Homem continua como que cego, focado egoisticamente no poder e no ter, no lucro imediato, apesar de sentir e de sofrer os efeitos da sua própria imprudência.

Esperar e acreditar no Homem é uma loucura, porque a loucura está no Homem. Toda a desgraça é possível por tudo o que já aconteceu. E tudo é hoje ainda mais provável do que outrora. A história humana chegou a um tal ponto que o futuro se torna cada vez menos concebível. Já em

Rolar na poeira da terra é dizer a Deus, é dizer a si mesmo, é reconhecer, que não se é mais nada do que terra e que tudo depende de Deus – o Único capaz de transformar a poeira em vida. Deus é o Único capaz de fazer do Vale da Desgraça (Acor) uma Porta de Esperança (Petah Tiqvah).

1982, dizia Jacques Ellul: “A utopia é acreditar que isto pode durar.”¹ Do ponto de vista humano, o vazio à nossa frente parece cada vez mais nítido. Para lá dele, não se sabe. Talvez o caos. Mas, não saber é insuportável. Por isso (inexplicavelmente, ou talvez não, no século XXI – época da alta eletrónica e da inteligência artificial), há uma corrida desenfreada às predições, às astrologias, aos horóscopos, à tarologia, à cartomancia, à quiromancia, ao *reiki*, à alquimia, à magia, à feitiçaria, às meditações, ao *yoga*, aos *chakras*, aos mantras, ao vedismo, ao esoterismo, à teosofia, à conscienciologia, ao mentalismo, ao misticismo, ao ocultismo, ao espiritismo... e a

¹ Entrevista de Jacques Ellul (1912-1994 – filósofo, sociólogo e teólogo francês), «Le document de la semaine», no *Le Nouvel Observateur*, 17-23 julho, 1982, pp. 13 e 14, citado por Jacques Doukhan, *Aux Portes de l'Espérance*, Editions Vie et Santé, Dammarie les Lys, France, 1983, p. 14. Para a noção e a aplicação do Vale de Acor e da Porta de Esperança baseámo-nos nesta obra de J. Doukhan, pp. 9-19.

lista é quase interminável. Ora, este fenómeno, como *sinhal dos tempos*, já há muito que não é uma simples moda. É o sintoma de uma civilização doente e efetivamente alarmada quanto ao futuro próximo. Referindo-se à nossa época, razão teve Paulo, o apóstolo, para escrever, há cerca de dois mil anos (II Timóteo 4:3 e 4, *BpT*): *“Pois há de vir o tempo em que os homens não suportarão a sã doutrina, mas no desejo de ouvir coisas agradáveis ao ouvido, hão de ir à procura de muitos mestres. Deixam de prestar atenção à verdade e correm atrás de lendas.”*

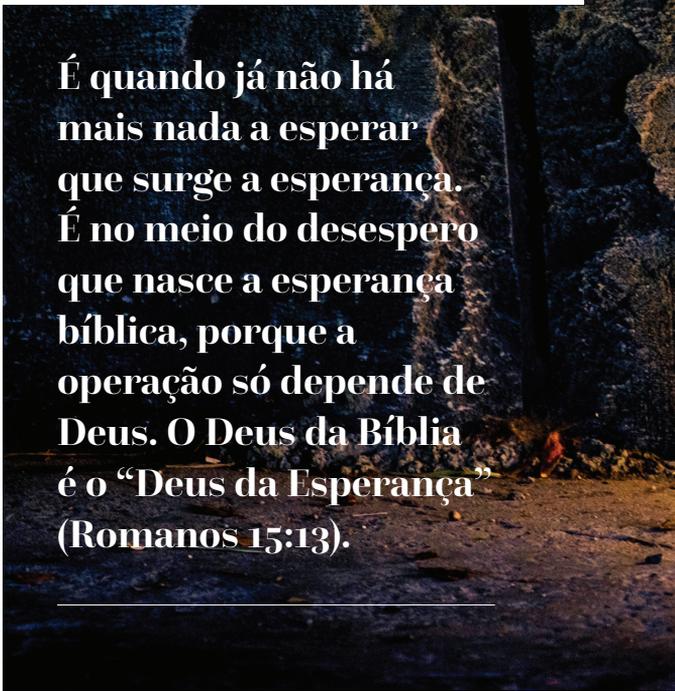
Por isso, aproximamo-nos a passos largos do *“tempo de angústia, como nunca houve desde que existem as nações”*, também predito pelo profeta Daniel, cerca de 600 anos a.C. (12:1, *BpT*).² Uma época sem precedentes na história humana. Pode-se discutir e recusar o diagnóstico de *“tempo do fim”* ou de *“tempo de angústia”*, mas não se pode mudar nem as evidências, nem os factos. Entretanto, vão-se apoderando das pessoas a insegurança, o medo e o desespero, ainda mais insuportáveis pela consciência de que tudo poderia ser bem diferente, se o Homem tivesse dado ouvidos aos sinais e a Deus.

O QUE FAZER, ENTÃO?

Chorar, gritar, embriagar-se, drogar-se, radicalizar-se ou morrer de desespero, fechar-se para o mundo que se vê fechado? Não! Falta ainda um gesto, ainda uma coisa a fazer, a última, a extrema. Como o velho guerreiro Josué, resta-nos (simbolicamente) escavar em desespero a terra com as unhas e esconder nela a face para aí afogar, talvez, o grito do nosso último medo. E, já que a terra é a nossa saída (porque dela, do pó, fomos formados e para lá voltamos), quem sabe se, no seu seio, não se esconde precisa-

mente a esperança? – *“Que ponha a face no pó; talvez ainda haja esperança”* (Lamentações de Jeremias 3:29). É necessário dizer que este gesto extraordinário do homem que se prostra na poeira tem, na Bíblia, um significado profundo. É o gesto daquele que se arrepende diante de Deus, consciente da sua pequenez, da sua fragilidade e da sua dependência do Deus do Céu. Rolar na poeira da terra é dizer a Deus, é dizer a si mesmo, é reconhecer, que não se é mais nada do que terra e que tudo depende de Deus – o Único capaz de transformar a poeira em vida. Deus é o Único capaz de fazer do *Vale da Desgraça (Acor)* uma *Porta de Esperança (Petah Tiqvah)*.

Paradoxalmente, *é quando já não há mais nada a esperar que surge a esperança*. É no meio do desespero que nasce a esperança bíblica, porque a operação só depende de Deus. *O Deus da Bíblia é o “Deus da Esperança”* (Rom. 15:13): *“E o Deus da esperança vos encha de toda a alegria e paz no vosso crer, para transbordardes de esperança*



É quando já não há mais nada a esperar que surge a esperança. É no meio do desespero que nasce a esperança bíblica, porque a operação só depende de Deus. O Deus da Bíblia é o “Deus da Esperança” (Romanos 15:13).

² Ver também Mateus 24:21; Marcos 13:19, 24; Lucas 21:25. A maioria dos textos bíblicos transcritos é da versão *Bíblia para Todos (BpT)*.

no poder do Espírito Santo.”³ Portanto, a Bíblia é o Livro da Esperança. A Bíblia, a Palavra de Deus, é o Livro de atualidade, já que, mais do que nunca, o Homem necessita “agora” de Esperança.

Por isso, renasce a esperança de, em breve, estarmos a viver sem necessidade de esperança. Estaremos, então e finalmente, na Terra transformada em Paraíso. Contudo, agora e por enquanto, também é preciso continuar a alimentar a nossa esperança na Palavra de Esperança, que é a Bíblia, e a prepararmos-nos, “Pois já se manifestou a graça de Deus, que é de salvação para toda a humanidade. É esse amor que nos ensina a deixarmos a descrença e a abandonarmos os desejos mundanos, para levarmos neste mundo uma vida honesta, justa e piedosa. Também

nos ensina a viver felizes na esperança de que se há de cumprir o que nos prometeu, que é a manifestação gloriosa do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo” (Tito 2:13).

A concretização por excelência de toda a Esperança é, como humanos, a nossa libertação do mal, da injustiça, do sofrimento e da morte. *O regresso de Cristo ao nosso Planeta e a sua renovação total serão o clímax que restaurará a harmonia e a paz no Universo.* Só Deus, pela Sua graça de amor e pela Sua misericórdia, terá o poder de nos recuperar e fazer da desgraça do caos deste mundo uma porta de esperança – restabelecer a perfeição inicial. É para este desfecho feliz que toda a revelação bíblica aponta. Por tudo isto, *a Bíblia é Palavra de Esperança!* ▢



³ Salmos 39:7; 62:5; 71:5; 146:5;
Jeremias 14:8; 17:7, 13.

TEMÁTICA

O QUE SIGNIFICA DIZER QUE A BÍBLIA É “INSPIRADA”?



Jo Ann Davidson¹

Teóloga, Professora e Escritora

FOTOGRAFIA: UNSPLASH POR BEN WHITE

1 Jo Ann Davidson, Doutorada em Teologia Sistemática, é professora e escritora. Este texto foi condensado e adaptado do seu artigo “O que significa dizer que a Bíblia é ‘Inspirada?’”, capítulo 2, do livro coletivo *A Lógica da Fé*, CPB, Tatui, SP, Brasil, 2015, pp. 23-31.

As principais religiões mundiais têm o que é chamado um “texto” ou “livro sagrado”. Os Cristãos têm as “Sagradas Escrituras” ou “Bíblia”. Ela é avaliada como a melhor peça literária do Cristianismo, sendo igualada aos escritos de Buda, ao *Bhagavad Gita* do Hinduísmo, ou até aos devocionais de Martin Luther King Jr. e Madre Teresa de Calcutá. Porém, levanta-se a questão: serão todos os “textos sagrados” semelhantes? Por que razão os Cristãos têm insistido na natureza absoluta da Bíblia Sagrada?

A NATUREZA DA BÍBLIA

Em primeiro lugar, precisamos de reconhecer as pressuposições e os parâmetros fundamentais dentro dos quais os escritores bíblicos operam. Por exemplo, nenhum dos escritores bíblicos jamais tentou provar a existência de Deus. Todos assumem que Deus existe. Os profetas bíblicos demonstram ter um conhecimento real do Deus Infinito, afirmando que Deus fala por meio deles. Todos os escritores bíblicos creem em Deus quando Ele diz que pode prever o futuro, e que isso é uma característica da Sua divindade (Isaías 42:5-9). Por intermédio dos profetas, Deus anunciou as grandes profecias cronológicas acerca da história das nações e da vinda do Messias. As evidências históricas confirmaram que as predições foram corretas.

O TRABALHO DO PROFETA

A mensagem do profeta é sempre equivalente à palavra direta de Deus. A identificação das palavras de um profeta com as palavras divinas é tão forte no Antigo Testamento (AT) que, muitas vezes, lemos sobre Deus a falar “por intermédio” de um profeta. Desobedecer às palavras de um profeta era desobedecer a Deus (Deute-

Por intermédio dos profetas, Deus anunciou as grandes profecias cronológicas acerca da história das nações e da vinda do Messias. As evidências históricas confirmaram que as predições foram corretas.

ronómio 18:15-19). Os escritores bíblicos também registaram numerosas ocasiões em que Deus falou diretamente com seres humanos no AT: com Adão e Eva (Gênesis 1:28-30; 3:9-19), com Abraão (Gênesis 12:1-3; 18:1-33), com Moisés (Êxodo 3:1-4:17), com Job (Job 38-41), com Elias (I Reis 19:9-18).

Os profetas do AT são apresentados como mensageiros enviados por Deus para falar as Suas palavras. O que prova o uso repetido da fórmula introdutória “Assim diz o Senhor” que determina a plena autoridade de uma mensagem profética. Aliás, uma característica dos verdadeiros profetas em todo o AT é que eles não falam as suas próprias palavras: “Então o Senhor tocou nos meus lábios com a sua mão e disse: Vou pôr as minhas palavras na tua boca” (Jeremias 1:4-9); “Mas tu lbes dirás as minhas palavras, quer ouçam quer deixem de ouvir, pois são rebeldes” (Ezequiel 2:7; 3:27).

Estas evidências, enquanto exemplos (além de muitos outros), sugerem enfaticamente que os profetas bíblicos experimentaram algo muito mais significativo do que um mero “encontro divino” que

Na realidade, este é mais do que um livro. A Bíblia coloca-nos frente a frente com um Deus que anseia pelos Seus filhos, que está empenhado em comunicar-lhes o Seu amor, e que os ama mais do que a própria vida (João 3:16).

teria implantado uma convicção mística na mente do profeta. Os encontros de Deus com seres humanos proporcionam conhecimento verdadeiro (Deuteronómio 29:29). Significativamente, uma das Pessoas da Divindade é conhecida como o “Verbo” (João 1:1-14).

REVELAÇÃO E INSPIRAÇÃO

A revelação ou inspiração divina nunca é controlada por seres humanos. Não é uma realização humana, mas uma atividade divina controlada. Tanto no Antigo como no Novo Testamentos (NT) testifica-se de que a verdade de Deus vem exclusivamente por meio da iniciativa divina de revelar-Se. O livro de Hebreus declara a autoridade divina da Palavra de Deus (4:12).

Um profeta não fala sobre Deus. Na realidade, é Deus Quem fala por Si mesmo por intermédio dos Seus profetas. E a linguagem humana é capaz de transmitir o que é comunicado por Deus. Os escritores do NT refletem a mesma autoridade dos profetas do AT – falam por meio do Espírito Santo (I Pedro 1:10-12; II Pedro 1:19-21; I Coríntios 2:12-14). Mas, note-se que a Bíblia não foi ditada verbalmente por Deus. O estilo e a individualidade

de cada escritor são respeitados no texto bíblico. Os elementos humano e divino são virtualmente inseparáveis. A inspiração atua no próprio Homem que, sob a influência do Espírito Santo, é possuído de pensamentos. “A mente divina, bem como a Sua vontade, é combinada com a mente e a vontade humanas; assim as declarações do Homem são a palavra de Deus.”²

A CONTINUIDADE E A UNIDADE DO ANTIGO E DO NOVO TESTAMENTOS

Uma leitura mais atenta dos textos bíblicos revela uma continuidade e uma unidade básicas de ambos os Testamentos. Extensas citações do AT estão presentes no NT, indicando que os escritos do AT eram considerados como revelação divina pelos escritores do NT. Por exemplo, Mateus 1:22 e 23 cita Isaías 7:14: “*Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta: Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel, que quer dizer: Deus conosco.*” O próprio Jesus cita Génesis 2:24 como palavras ditas por Deus (Mateus 19:4 e 5). Muitos outros exemplos poderiam ser dados que demonstram que a mente dos escritores do NT estava impregnada dos escritos do AT, por isso o citavam com frequência, a fim de basear a teologia acerca da qual argumentavam.

A CONFIABILIDADE DA BÍBLIA

Jesus e os escritores do NT usaram narrativas históricas do AT para enfatizar a certeza das ações futuras de Deus. A história de Israel atingiu o seu clímax com a vinda de Cristo, o Messias. Todo o AT estava resumido n’Ele (João 5:39): “*as Escrituras*

² Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. I, Tatuí, SP, CPB, 2001, p. 21, citado em Davidson, *op. cit.*, p. 27.



(...) *testificam de mim.*” O apóstolo Paulo recorda (II Timóteo 3:16 e 17): *“Toda a Escritura é inspirada por Deus e serve para ensinar, convencer, corrigir e educar, segundo a vontade de Deus, a fim de que quem serve a Deus seja perfeito e esteja pronto para fazer tudo o que é bom.”*

Assim, a doutrina cristã das Escrituras versa sobre um livro. Mas, na realidade, este é mais do que um livro. A Bíblia coloca-nos frente a frente com um Deus que anseia pelos Seus filhos, que está empenhado em comunicar-lhes o Seu amor,

e que os ama mais do que a própria vida (João 3:16): *“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não se perca, mas tenha a vida eterna.”* Como escreveu Fleming Rutledge: *“O Deus que proclamamos hoje não é uma ‘vaga abstração’ dos filósofos ou a ‘sombra insubstancial’ dos seguidores da Nova Era. [...] Ele é o Deus vivo!”*³ ▢

3 Fleming Rutledge, *Help My Unbelief*, Grand Rapids: Eerdmans, 2000, p. 25, citado em Davidson, *op. cit.*, p. 30.



FOTOGRAFIA: UNSPLASH / POR BEN WHITE

TEMÁTICA

BÍBLIA E EDUCAÇÃO

≈

Raquel Grave

Professora do 2º Ciclo do Ensino Básico



“Pensamos como pensamos porque os Gregos pensaram como pensaram.”¹

A cosmovisão e o conseqüente modelo pedagógico propostos pela cultura greco-romana são os dominantes no mundo ocidental. Efetivamente, a maioria dos autores situa na Grécia o nascimento da Filosofia e o início da história da Pedagogia (século VI a.C.). No entanto, antecedendo, em muito, esta mundividência dominante

nos nossos dias, outra cosmovisão e outro modelo pedagógico existiram expressos no pensamento hebraico, de origem semita, cujos começos vão tão longe no tempo como o terceiro milénio a.C.. Na verdade, a Bíblia – Antigo e Novo Testamentos – tem sido um livro basilar no processo de educa-

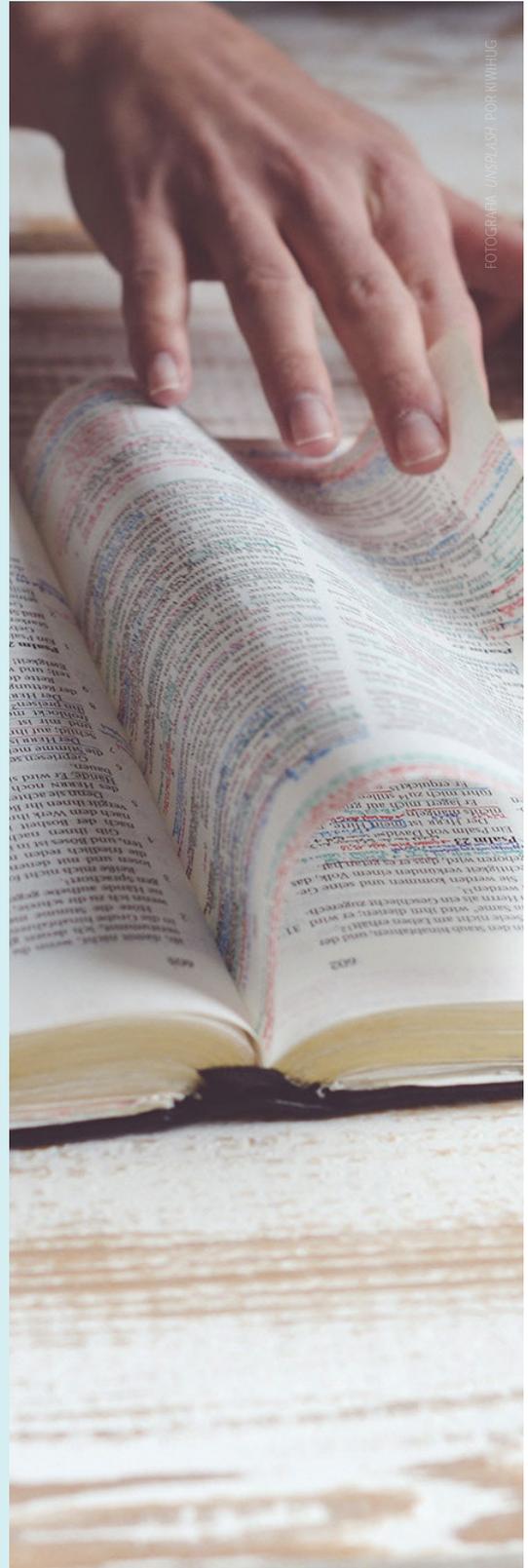
¹ Freeman Butts, *Cultural History of Western Education*, Nova Iorque: McGraw-Hill, 1955, p. 45.

Imersos no grande conflito cósmico entre Cristo e Satanás, a respeito do caráter de Deus e da Sua Lei de amor, os esforços dos seres humanos têm-se revelado incapazes para mudar a sua natureza inerentemente pecaminosa e restaurar em si próprios a imagem perdida de Deus.

ção da Humanidade, geração após geração. A sua cosmovisão e a subsequente proposta pedagógica fizeram uma diferença significativa na vida de milhões de pessoas, ao longo do devir histórico, e continuam a fazê-la na atualidade.

De acordo com George Knight, professor universitário que dedicou muito da sua pesquisa e reflexão aos temas da História e da Filosofia da Educação,² apresentaremos como fulcrais os seguintes aspetos da *Cosmovisão Bíblica*.

A Bíblia é a fonte da autorrevelação de Deus ao Homem. Nela é-nos dito que há um Deus que, no início do tempo, criou o mundo e o Universo perfeitos. Criou também os seres humanos à Sua própria imagem, dotando-os de livre-arbítrio. No uso dessa liberdade, o Homem decidiu afastar-se de Deus, dando ouvidos às propostas de Satanás, que, ainda na sua condição de Lúcifer (i.e., anjo de luz), se esqueceu da sua própria condição de criatura e pecou, ao procurar colocar-se no lugar do Criador. Afastado assim o ser humano de uma ligação íntima com o seu Criador, fi-



FOTOGRAFIA: UNDELASH, FOR KIMHUG

² George R. Knight, *Filosofia e Educação – Uma Introdução da Perspetiva Cristã*, São Paulo: Imprensa Universitária Adventista, 2001.

cou nele parcialmente perdida a imagem de Deus. Desde aí, imersos no grande conflito cósmico entre Cristo e Satanás, a respeito do caráter de Deus e da Sua Lei de amor, os esforços dos seres humanos têm-se revelado incapazes para mudar a sua natureza inerentemente pecaminosa e restaurar em si próprios a imagem perdida de Deus. Por essa razão, Deus tomou a iniciativa de restaurar o ser humano e fê-lo através do maior e mais maravilhoso Plano de Resgate alguma vez já efetuado na Terra – a Primeira Vinda do Seu Filho, Jesus. Cristo, com a Sua vida exemplar, a Sua morte redentora, a Sua ressurreição vitoriosa e o Seu atual ministério celestial, cumpre esse Plano. Entretanto, até à final conclusão de todo o Seu Plano de Resgate, Ele prepara na Terra pessoas que queiram representar o Seu caráter de amor, dando continuidade à obra que Ele veio iniciar no mundo. Faz isso através da poderosa ação do Seu Espírito Santo, que é abundantemente distribuído a todo o ser humano que O pedir em oração. A história deste mundo terminará com a Segunda Vinda de Cristo a este Planeta, como Senhor e Rei vitorioso, e só então todo o pecado e todo o mal terão fim. A Terra e os seus habitantes serão restaurados à sua condição edênica original.

São todos estes princípios que estão na base de uma pedagogia bíblica e dela são indissociáveis, porque, “No mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma”.³ É sabido que nenhuma transmissão educativa consegue ser neutra ou isenta. Toda a educação tem atrás de si algum pressuposto ideológico que a determina. Assim, a educação baseada na cosmovisão bíblica é assumidamente comprometida com a dimensão religiosa.

Quais são, então, os princípios dessa *Pedagogia bíblica*?

Tão abarcantes quanto a sua base religiosa, eles cobrem os extensos campos de

Será completamente diferente educar considerando que o Homem provém de um processo evolutivo a partir de espécies inferiores ou que provém das mãos de um Deus Criador, Omnisciente e Onnipotente, cujo caráter se define com a palavra “Amor”.

reflexão da Metafísica, da Epistemologia e da Axiologia. Estes termos, todos de origem grega, significam, respetivamente, aquilo que está “além da Física”, “o estudo do conhecimento certo” e “o estudo dos valores”.

Só a título explicativo, mencionaremos algumas das questões básicas colocadas por estes ramos da Filosofia.

Metafísica – “O que é real? Qual a natureza da realidade? Ela é formada só por matéria, só por espírito, ou pelos dois? Como se deu a origem e o desenvolvimento do Universo? A sua existência tem alguma finalidade? Será que Deus existe? Se existe, como é que Ele Se relaciona com os seres humanos? Qual é a relação entre a mente e o corpo? Será que as pessoas têm uma alma? Se tiverem, o que é essa alma?”

Epistemologia – “O que é a verdade? A realidade pode mesmo ser conhecida? Quais são as fontes de onde obtemos o conhecimento? São elas fiáveis? A verdade é relativa ou absoluta?”

Axiologia – “O que tem valor? O que é o bem e o mal? O que é bom ou preferível? Como devo comportar-me? Os padrões éticos ou morais são absolutos ou relativos? Quem é a base da autoridade

ética?” E também questões como: “O que é o belo? O que é o feio? Que critérios os determinam e separam? A beleza desfruta-se pelo pensamento racional, pelo sentimento ou pela emoção?”

Feita esta pequena elucidação, vejamos agora apenas três exemplos em que a cosmovisão bíblica determina a Pedagogia bíblica.

Dentro da Metafísica, o tema da Antropologia, palavra grega que significa “estudo ou conhecimento sobre o Homem”, é especialmente importante para a educação. Pontos de vista sobre a natureza e o potencial das crianças e dos jovens formam a base de todo o processo educativo. Sendo assim, será completamente diferente educar considerando que o Homem provém de um processo evolutivo a partir de espécies inferiores ou que provém das mãos de um Deus Criador, Omnisciente e Onnipotente, cujo caráter se define com a palavra “Amor”.

Dentro da Epistemologia, destaca-se a Revelação. Esta é considerada uma fonte

de conhecimento diferente de todas as outras, sendo uma realidade sobrenatural e transcendente que irrompe na ordem natural. A Revelação é a comunicação de Deus ao Homem acerca da Sua vontade. Ela apresenta verdades absolutas que, não sendo passíveis de ser confirmadas ou refutadas empiricamente, têm que ser aceites pela fé. Esta pedagogia “considera a revelação como fonte básica de autoridade, sendo ela que proporciona o conjunto de conhecimentos a partir do qual todos os assuntos devem ser avaliados”.⁴

Dentro da Axiologia, no seu ramo da Ética, palavra grega que significa “relativo aos bons costumes”, destaca-se o facto de os educadores optarem pelos valores morais universais provenientes de Deus e transmitidos a todo o ser humano pela Revelação. O relativismo dos valores e das

⁴ George R. Knight, *Revista Educação Adventista*, n.º 33, Departamento de Educação da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 2012, p. 19.



normas de conduta, social e epocalmente enquadrados, é visto como secundário. A especificidade desta pedagogia no campo moral é aceitar assumidamente que Deus é a base de toda a autoridade ética. Essa autoridade moral está revelada na Bíblia, quer nos Dez Mandamentos do Antigo Testamento, quer no alargamento que deles faz Jesus no Novo Testamento.

“A verdadeira educação significa mais do que a prossecução de um certo curso de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo e todo o período de existência possível ao Homem. É o desenvolvimento harmonioso das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para a satisfação do serviço neste mundo e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.”⁵

Há nesta definição de educação, inspirada na cosmovisão bíblica, duas palavras-chave que revelam a abrangência e a completude do seu alcance. São elas “*todo*” e “*serviço*”.

O conceito “*todo*” é usado em duas aceções, a primeira das quais se refere ao facto de que a educação do ser humano não se limita à sua dimensão cognitiva. Nesta visão antropológica, o Homem é visto como um todo, um ser integral, uma unidade que se expressa em várias dimensões que não podem separar-se umas das outras, com risco de ficar amputada a sua própria essência. Essas dimensões são a física (o seu corpo); a intelectual (a sua mente); a social (o seu gregarismo); a emocional (os seus sentimentos e afetos); a moral (a sua consciência); e a espiritual (a sua transcendência). Sobre esta globalidade incide a Pedagogia bíblica que apresenta ao Homem um projeto harmonioso



5 Ellen G. White, *Educação*, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1977, p. 13.

para o desenvolvimento máximo da sua realização pessoal.

A segunda aceção aponta para o facto de que essa mesma educação não se confina à curta existência terrena do ser humano. Esta visão antropológica prevê para o Homem um tempo de existência que pode ultrapassar a sua natureza mortal e expandir-se pelo tempo infinito da eternidade.

O conceito “*serviço*” é o segundo a ser destacado, o qual é também corroborado no final da mesma obra. “Na nossa vida aqui, ainda que terrestre e restrita pelo pecado, a maior alegria e a mais elevada educação encontram-se no serviço em favor dos outros. E, no futuro estado, livre das limitações próprias da Humanidade pecaminosa, será no serviço que se encontrará a nossa máxima alegria e a mais elevada educação.”⁶

Embora esta característica não seja um traço humano natural, pois as pessoas, de uma forma geral, estão mais preocupadas em satisfazer as suas próprias necessidades do que as necessidades dos outros, esta ênfase educativa no “serviço” não é estranha aos leitores da Bíblia. Na verdade, as suas páginas fornecem-nos o maior modelo para a concretização deste valor, que nos chega através dos ensinamentos e do exemplo de vida de Jesus que, sendo Deus, veio como servo.⁷

A Pedagogia bíblica coloca a alegria do serviço como a essência do processo educativo. Com essa motivação última, a educação tem como objetivo a preparação da pessoa como um todo, para todo o período de existência que lhe é possível.

Com um alcance tão vasto e completo como este, a educação baseada na Bíblia é poderosa nos seus resultados finais. Tendo Deus, e não o Homem, como centro, só esta pedagogia pode levar o ser humano a transcender-se, a elevar-se acima e muito além de si próprio, para dimensões inimagináveis e infundáveis de desenvolvimento.

A Pedagogia bíblica coloca a alegria do serviço como a essência do processo educativo.

Só com o seu retorno a Deus pode o ser humano atingir a plenitude do seu propósito existencial.

Preservada milagrosamente intacta no seu conteúdo ao longo dos séculos, a Bíblia é inegavelmente um livro à parte. Os princípios da sua cosmovisão são cabais e cheios de sentido, assim sendo também os seus princípios pedagógicos. Porque se identificam na sua essência, ambos respondem às perguntas mais radicais que todo o ser racional coloca a si próprio sobre as origens do mundo, o significado da existência e o fim de todas as coisas. Além disso, e talvez ainda mais distintivo em tornar a Bíblia num livro diferente de todos os outros, é o facto de o seu conteúdo ser inesgotável. O seu estudo nunca se torna repetido e fastidioso, pois novas descobertas são feitas a cada nova aproximação dos seus textos. A Bíblia é um livro que tem que ser experimentado pessoalmente. Milhões de pessoas que a ela já dedicaram estudo e reflexão testemunham da realidade de que ela é verdadeiramente um acervo de sabedoria. Vale a pena abordar a Bíblia para conhecer a globalidade dos seus ensinamentos, entre os quais brilham também os seus princípios pedagógicos, como verdadeira “lâmpada para os pés e luz para o caminho”.⁸ Também por tudo isto, a Bíblia é *Palavra de Esperança!* ▢

⁶ *Op.cit.*, pp. 308 e 309.

⁷ Bíblia – *Epístola aos Filipenses*, 2:5-7.

⁸ Bíblia – *Salmo* 119:105.

TEMÁTICA

PERSEGUIÇÃO À BÍBLIA



Redação *Sinais dos Tempos*



“A Bíblia tem sobrevivido à ignorância dos seus amigos e ao ódio dos seus inimigos” (Biblical Digest).

O Livro das Boas Notícias de Deus nem sempre foi bem recebido. A Bíblia tem sido ridicularizada, denunciada e alvejada como nenhum outro livro. Os críticos têm atacado a sua exatidão factual. Personagens e nações nela registados têm sido considerados míticos. Mas, graças ao estudo científico e à pesquisa arqueológica, as afirmações bíblicas têm sido autenticadas como factos. Afinal, os críticos estavam errados. *O Livro* tinha razão!

A história universal e a história do Cristianismo mostram que, ao longo do tempo, tanto a Bíblia como aqueles que a amam, respeitam e consideram têm sido maltratados e perseguidos. Manuscritos e Bíblias impressas foram queimados em fogueiras. Pessoas que possuíam e liam a Bíblia foram condenadas às galés. Outros que a traduziram foram queimados ou estrangulados.

O absurdo é que, ao longo dos séculos, os ataques não vieram do exterior do Cristianismo, como seria expectável. As perseguições surgiram do próprio seio da Cristandade, como confirmação profética e *senal dos tempos*. Coloca-se, então, a questão: porque é que isto aconteceu?

Depois de Cristo ter ascendido ao Céu, os apóstolos prosseguiram na execução da ordem de Jesus – fazer discípulos de todos os povos, ensinando e batizando. Pode dizer-se que a Igreja Cristã resistiu fielmente durante os três primeiros séculos, apesar das perseguições romanas, mas também por causa delas. Quando, em 313, o imperador Constantino assinou o Édito de Milão, garantindo a liberdade religiosa dentro do Império Romano, a Igreja passou de perseguida a privilegiada. Constantino restaurou as propriedades da Igreja, deu-lhe dinheiro e convo-

O Livro das Boas Notícias de Deus nem sempre foi bem recebido. A Bíblia tem sido ridicularizada, denunciada e alvejada como nenhum outro livro.

cou os Concílios eclesiásticos de Arles e de Niceia. Em 392, o imperador Teodósio proclamou o Cristianismo “religião oficial do Império”. Entretanto, a “conversão” em massa dos pagãos teve como consequência o sincretismo – mistura confusa de doutrinas diferentes, ou seja, adoção de falsas doutrinas e de erros na Igreja (por exemplo, a mudança do dia de repouso do sétimo dia, o Sábado, para o primeiro dia, o domingo [lei de Constantino, no ano de 321, e sua ratificação no Concílio de Niceia, em 325]; o culto das imagens – idolatria, adoração dos santos, superstições, etc.). Este desenvolvimento conduziu a Igreja à mundanidade, à busca de riquezas, ao poder abusivo do clero e, em particular, à supremacia do Bispo de Roma e ao sistema antibíblico do Papado.

Por outro lado, também ao longo dos séculos, registaram-se tentativas de reforma dentro da própria Igreja. Muitos se levantaram, com mais ou menos sucesso. Citamos apenas três exemplos de fidelidade e de tentativas de reforma, todos recebidos com perseguição, o padrão habitual.

JOHN WYCLIFFE (1320-1384)

Teólogo e Reformador inglês, Wycliffe foi professor em Oxford e, desde 1374, pároco em Lutterworth. Durante a sua vida, dedicou-se à primeira tradução manual da Bíblia para o inglês, a partir do latim (a *Vulga-*

ta), só divulgada em 1388. Para Wycliffe, a Bíblia era a única fonte de crença, regra de fé e autoridade. Por isso, rejeitou o Papado, a vida monástica, a hierarquia, a posse de bens eclesíásticos, a confissão auricular e o celibato; condenou a doutrina do sacrifício da missa (a transubstanciação), os sacramentos, o culto dos santos e a veneração das relíquias. As suas ideias sobreviveram nos círculos dos Lollardos. Em 28 de dezembro de 1384, Wycliffe teve uma hemorragia cerebral, falecendo três dias depois, no último dia do ano.

A influência dos escritos de Wycliffe foi significativa noutros movimentos reformistas, em particular sobre o da Boémia, liderado por Jan Huss e Jerónimo de Praga. Para travar tais movimentos, a Igreja convocou o Concílio de Constança (1414-1418). Em 4 de maio de 1415, o Concílio declarou Wycliffe como herege, recomendando que todos os seus escritos fossem queimados e ordenando que os seus ossos fossem exumados e queimados. Isto foi cumprido treze anos mais tarde, pelo Papa Martinho V. As cinzas de Wycliffe foram lançadas no rio Swift, que banha Lutterworth, em 1428.

WILLIAM TYNDALE (1494-1536)

Teólogo e Reformador inglês, Tyndale estudou em Oxford e obteve (em 1515) o Mestrado, tendo estudado hebraico, grego e latim. Foi ordenado ao sacerdócio em 1521. Também estudou em Cambridge, onde captou as ideias de Lutero. Em 1523, Tyndale partiu para Londres em busca de um local para trabalhar na tradução da Bíblia, das línguas originais para o inglês. Na Inglaterra daquela época, traduzir a Bíblia era um crime passível de morte. Em 1524, Tyndale deixou a Inglaterra e foi para Hamburgo, na Alemanha, na intenção de colocar a Bíblia nas mãos do povo. No início de 1525, o Novo Testamento estava



pronto para impressão. Quando estava a ser impresso, as autoridades atacaram de surpresa a gráfica. Tyndale conseguiu escapar a tempo, para completar a edição do Novo Testamento, em 1526, em Worms. Quinze mil exemplares, em seis edições, foram contrabandeados para a Inglaterra, entre os anos de 1525 e 1530. As autoridades da Igreja tentaram confiscar esses exemplares e queimá-los, mas não conseguiram conter o fluxo de Bíblias da Alemanha para a Inglaterra.

Não podendo mais regressar a Inglaterra, porque a sua vida estava em perigo, em 1534 Tyndale mudou-se para Antuérpia, na Bélgica, para completar a tradução do Antigo Testamento. Pouco depois, em maio de 1535, foi traído por um colega inglês, tendo sido preso. Tyndale ficou detido 16 meses no Castelo de Vilvoorde, perto de Bruxelas. Durante esse tempo, um dos seus colaboradores, Miles Coverdale (1488-1569) terminou a tradução de toda a Bíblia iniciada por Tyndale. A 6 de outubro de 1536, Tyndale foi estrangulado e, depois, queimado na fogueira. As suas cinzas foram lançadas ao rio que



corria ao lado do castelo. As suas últimas palavras foram: “Senhor, abre os olhos ao rei de Inglaterra.”

A ironia é que, dois ou três anos depois, o rei Henrique VIII, referindo-se ao Novo Testamento traduzido por Tyndale, disse: “Se não há heresias nele, que seja espalhado largamente entre todas as pessoas!” E, em 1539, foi ordenado que cada igreja na Inglaterra tivesse disponível uma cópia da Bíblia em inglês. Apesar de Tyndale não ter vivido para ver o resultado daquilo que empreendeu, a sua oração foi atendida por Deus e a causa do Evangelho triunfou, assim como a sua tradução.

OS VALDENSES

A história dos Valdenses do Piemonte (região nos Alpes, entre a França e a Itália) estende-se por mais de oito séculos. Expulsos, excomungados, condenados como hereges, perseguidos, vítimas de cruzadas destruidoras (a Inquisição tentou eliminá-los), torturados, chacinados à espada, queimados nas fogueiras, obrigados a esconder-se e a viver nas matas e nas montanhas...

Durante o período mais negro da Idade Média, os Valdenses foram a referência e o remanescente fiel de Deus no meio de um Cristianismo comprometido com o poder político e apostatado.

Qual o seu crime? Dirigidos inicialmente por Pierre Valdo, desde 1173, elegeram a Bíblia como a sua única regra de fé e prática. Traduziram a Bíblia do latim para o provençal, língua do povo da região. Iam copiando à mão as Escrituras para que, indo de terra em terra, os pregadores valdenses itinerantes pudessem dar testemunho da verdade bíblica. Esta versão das Escrituras foi a base para a tradução da Bíblia em francês, concluída em 1535 por Olivétan, e impressa em Neuchâtel.

O legado valdense é profundo: um exemplo de fidelidade à Palavra de Deus e de resistência e resiliência, desde o século XII até hoje. Durante o período mais negro da Idade Média, os Valdenses foram a referência e o *remanescente* fiel de Deus no meio de um Cristianismo comprometido com o poder político e apostatado.

“Os homens não rejeitam a Bíblia porque ela se contradiz, mas porque ela contradiz os homens” (Walter B. Knight). ▢

Bibliografia

David Marshall, *The Battle for the Book*, The Stanborough Press, England, 1991.

Georges Tourn, *Les Vaudois – L'étonnante aventure d'un peuple-église*, Réveil-Claudiana, France-Italie, 1980.

Lexicoteca – *Moderna Enciclopédia Universal*, Círculo de Leitores, 1986-1996.



HopeBíblia

CURSOS BÍBLICOS GRATUITOS ONLINE



ESPIRITUALIDADE

A Fé de Jesus

Curso para iniciação ao estudo das Sagradas Escrituras.



Luz para o Meu Caminho

Guia de estudos bíblicos sobre diferentes assuntos e temáticas.



Força para Viver

Curso bíblico de orientação e aconselhamento pessoal e familiar para uma vida com sentido.



JOVENS

A Bíblia Ensina

Estudos bíblicos para jovens, individualmente ou em grupo.



FAMÍLIA

Construir em Amor

Estudos de orientação e reflexão para uma vida familiar plena.



SAÚDE

Saúde 4

Estudos para uma melhor saúde global.



hopechannel.pt/biblia

[Assista a qualquer um destes cursos de forma gratuita na Internet]

ligue **213 140 166** ou envie um email para **geral@hopechannel.pt**
[Para mais informações]



Mais de seis mil milhões de Bíblias foram editados nos últimos 200 anos pelas Sociedades Bíblicas Unidas (SBU). 426 línguas têm a Bíblia inteira traduzida; 1115 línguas têm o Novo Testamento traduzido; e 2500 línguas têm porções da Bíblia disponíveis.

Mais de cinco mil milhões de pessoas no mundo têm acesso à Bíblia.

No mundo, 150 Sociedades Bíblicas, em 200 países e territórios, estão envolvidas em mais de 500 projetos de tradução da Bíblia, investindo muitos milhões de dólares.

Um dos projetos é a tradução da Bíblia em *Braille* e em áudio, que poderá beneficiar cerca de mil milhões de pessoas. Estima-se que apenas 30 línguas tenham a Bíblia completa em *Braille*.

Por ano, 83 milhões de exemplares da Bíblia são distribuídos globalmente. Todos os anos, as Sociedades Bíblicas, juntas, têm levado a Bíblia, no todo ou em parte, a uma média de 500 milhões de pessoas, à escala planetária.

Mais de 20% de todas as Bíblias distribuídas pelas SBU, em 2017, foram descarregadas da Internet, o que corresponde a

oito milhões de Bíblias em aplicações, como a YouVersion, dando um total de mais de 105 milhões de Bíblias, desde 2015.

Longe já vai o tempo da Bíblia de Gutenberg, a primeira Bíblia impressa, em Mainz, Alemanha, na oficina de Johann Gutenberg. Ele começou a impressão em 1450, utilizando uma prensa com tipos móveis, montados um a um, e terminou em 1455. Esta edição da Bíblia em dois volumes, em latim, tendo um total de 1282 páginas e duas colunas em cada página, ficou conhecida como *Bíblia de 42 linhas*. Esta Bíblia contém 73 livros, porque inclui os livros apócrifos. Gutenberg fez 180 exemplares desta grande obra: 45 cópias em pergaminho e 135 cópias em papel.

Hoje, com 70% das traduções completas da Bíblia, as SBU continuam a ser o maior tradutor e distribuidor das Escrituras no mundo. Mas, de acordo com o *Wycliffe Bible Translators*, existem ainda no mundo cerca de 340 milhões de pessoas que não têm qualquer porção da Bíblia na sua língua materna. ▢

Desde o século V, muito antes da independência e formação de Portugal, já circulavam conhecimentos da Bíblia no que é, hoje, território português, principalmente em Braga.

Os primeiros documentos escritos na língua caracteristicamente portuguesa datam do *começo do século XIII*. Curiosamente, aparecem em forma poética e com uma característica fundamental da poesia hebraica do Antigo Testamento, o paralelismo. Exemplo clássico é a *Cantiga de Amigo* de D. Sancho I. Podem ver-se traços da Bíblia nas obras de Santo António de Lisboa, el-rei D. Duarte, Gil Vicente e Luís de Camões.

A *vinda de Judeus para Portugal*, expulsos de Espanha até 1492, favoreceu a criação das *três primeiras tipografias*: Faro – 1487, Lisboa – 1489 e Leiria – 1492. Como é óbvio, a impressão da Bíblia era o objetivo principal dos tipógrafos judeus. Quase sempre, os primeiros livros impres-

sos eram Bíblias e outros livros com ela relacionados.

1495 – A rainha D. Leonor, esposa de D. João II, paga a impressão de uma tradução do latim para português sobre a Vida de Cristo, que incluía o *Evangelho de Mateus*, com interpolações complementares de Marcos, Lucas e João.

1505 – A rainha D. Leonor manda imprimir, também em português, os *Atos dos Apóstolos* e as *Epístolas de Tiago, Pedro, João e Judas*.

1644-45 – *João Ferreira Annes d'Almeida* (1628-1691), convertido à Fé Reformada, traduz o *Novo Testamento*, impresso apenas em 1681, em Amesterdão, na Holanda. Posteriormente, fez a revisão do texto do Novo Testamento e realizou a tradução do Antigo Testamento só até ao livro de Ezequiel 48:21, devido ao seu falecimento (6 de agosto de 1691). Outros missionários completaram a obra de tradução interrompida. A chamada *Bíblia de*



Almeida passou a ser editada desde o fim do século XVII até hoje.

1536-1821 – *A Inquisição em Portugal trava a publicação da Palavra de Deus*. A partir de 1761, a Inquisição entrou em declínio até à sua extinção oficial, em 1821.

1778-1781 – *António Pereira de Figueiredo*, padre Católico, faz a primeira edição do *Novo Testamento*, em seis volumes. Segue-se a publicação do *Antigo Testamento* (1783-1790), em 17 volumes.

1809 – *Início da obra de distribuição da Bíblia em Portugal* por cidadãos britânicos e pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira.

1819 – *Publicação da primeira Bíblia completa na tradução de João Ferreira Annes d'Almeida*. A versão de António Pereira de Figueiredo, em volume único, foi editada mais tarde, em 1821.

1835 – *Início oficial de uma Sociedade Bíblica em Portugal*.

1864 – Estabelecimento definitivo da agência portuguesa da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e *início da colportagem bíblica*.

1944 – Apesar da devastadora II Guerra Mundial, a obra bíblica em Portugal experimentou um enorme progresso, em grande parte graças à ação dos colportores.

1971 – Termina a “era da colportagem bíblica”, após mais de um século de trabalho ininterrupto.

1989 – *A Sociedade Bíblica de Portugal* (SBP) é formalmente constituída como associação religiosa cristã interconfessional. A SBP tem por missão promover a mais ampla, eficaz e relevante distribuição da Bíblia, tendo por lema: “*Levar a Bíblia às pessoas e trazer as pessoas à Bíblia.*” A SBP está integrada nas Sociedades Bíblicas Unidas (a maior tradutora, editora

e distribuidora da Bíblia à escala global), uma fraternidade mundial de 150 sociedades nacionais, em 200 países e territórios em todo o mundo.

1993 – *Publicação da Bíblia em Português Corrente*, depois de mais de 20 anos de trabalho de uma equipa de peritos Católicos e Evangélicos.

2001 – Publicação de *O Livro*, uma nova tradução em parceria da SBP com a Sociedade Bíblica Internacional e a Editora Núcleo.

2004 – Realiza-se a “*Bíblia Manuscrita*”, o maior evento singular de sempre organizado pela SBP, que mobilizou cerca de 100 mil pessoas durante ano e meio.

2017 – *A 31 de outubro*, na comemoração dos *500 anos da Reforma Protestante*, foi lançada pela SBP uma edição especial da Bíblia, reedição de *O Livro*, de 2001.

2019 – *18 maio, para comemorar os 200 anos da primeira edição da Bíblia Portuguesa de João Ferreira de Almeida*, em volume único, é feito o lançamento de uma edição especial (parceria da SBP e da Igreja Adventista do Sétimo Dia) intitulada *Palavra de Esperança*.

A Bíblia de Almeida já teve cerca de *1000 edições e mais de 100 milhões de Bíblias e Novos Testamentos impressos*, juntamente com incontáveis milhares de milhões de pequenos opúsculos e folhetos. □

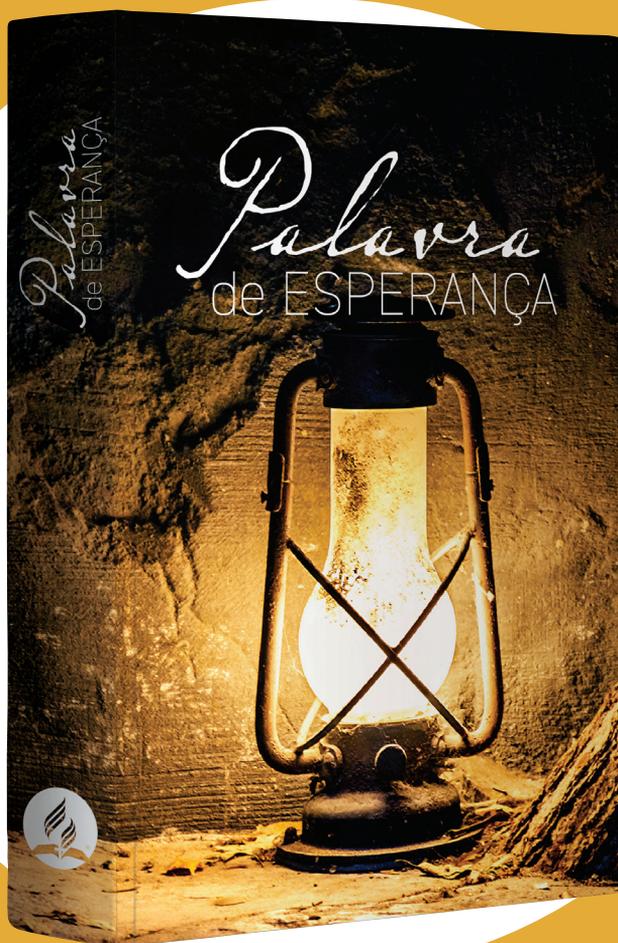
Bibliografia

Guido Waldemar Oliveira, *A Bíblia – sua história e mensagem*, Sociedade Bíblica, Lisboa – Praça Luís de Camões, 20, sem data.

Joaquim Dias, *A Bíblia em Português – Como, Quando e Para Quê*, Publicadora SerVir, Sabugo, 2015. Recomenda-se a leitura deste livro.

Dois Folhetos da SBP: *No 325º Aniversário da 1ª edição do NT de J. F. Almeida e 1864 Parceria*.

Conheça e leia
a carta de amor de
Deus à Humanidade!



Receba e reflita,
à sua volta, o Amor de Deus!
Peça gratuitamente: 213 140 166.